

# Poemas políticos de Haydée Nicolussi

## *The Political Poems of Haydée Nicolussi*

Júlia Almeida\*

O aparecimento de temporalidades anacrônicas, que resultam do movimento pelo qual uma obra do passado é recuperada por um presente de leitura, confronta as formas da contemporaneidade consigo mesma. Os reposicionamentos no cânone de um escritor deslocado, de uma obra perdida, de um momento que passou despercebido na linha progressiva da história literária, que um roubo interrompeu, um extravio ocultou ou uma censura silenciou não comportam um retorno ao passado mas, sim, do passado que se dirige ao futuro e “põe o presente a inconsistir”.

Luciana Irene Sastre e Mariana Inés Lardone

**H**aydée Nicolussi, nascida em 1905 em Alfredo Chaves, Espírito Santo, é segundo Francisco Aurelio Ribeiro (2005)<sup>1</sup>, “a mais importante escritora de sua geração [...] a primeira escritora modernista capixaba, ainda na década de 20, ao escrever poemas sem rima e métrica, aderindo ao

\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

<sup>1</sup> Excerto da orelha do livro *Haydée Nicolussi: poeta, revolucionária e romântica* (RIBEIRO, 2005), obra seminal para a pesquisa sobre a história literária e a obra da escritora capixaba.

neossimbolismo de Manuel Bandeira, um de seus mestres e futuro admirador”. Publicou um único livro, *Festa na sombra*, em 1943 (NICOLUSSI, 2005), mas tem uma fecunda produção em diversos gêneros (poemas, contos, crônicas, ensaios, artigos de opinião e traduções), disseminada, sobretudo, em revistas e jornais do Espírito Santo e do Rio de Janeiro (*Vida Capichaba*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, entre outros).

Buscamos reunir aqui uma amostra de poemas de Haydée Nicolussi que nos permita lançar um olhar mais detalhado sobre o processo de politização que atravessa sua produção literária nas décadas de 30 e 40, no período conhecido como Era Vargas, que se inicia com a tomada de poder em 1930 pelos militares em favor de Getúlio Vargas e das oligarquias gaúchas, estendendo-se até 1945, com a saída de Vargas do poder, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a retomada da democracia no Brasil e no mundo.

Como afirma Francisco Aurelio Ribeiro (2005, p. 62), as publicações de Haydée Nicolussi assumem, no início dos anos 30, uma tendência social e mais ideológica. Neste período se consolida também, segundo constatamos em pesquisa recente junto à Hemeroteca da Biblioteca Nacional<sup>2</sup>, sua produção em crítica literária e cultural (ensaios e resenhas), revelando a face de uma jovem escritora bastante atualizada com as gerações e publicações do seu tempo. Mas, sobretudo, irrompem nesse momento, seus poemas políticos, a começar por “Lembrança”, publicado na revista *Vida Capichaba*, de 15 de outubro de 1932, em que a autora experimenta, possivelmente pela primeira vez, o procedimento de explicitação da desigualdade social através de construções sintáticas paralelas:

- o pobre desperta bloqueado  
por todos os lados.  
O rico tem remorsos de sua riqueza;

---

<sup>2</sup> Meu artigo “A escrita paratópica de Haydée Nicolussi: literatura e política”, a ser publicado pela Revista da Academia Espírito-Santense de Letras – AEL, apresenta brevemente esses textos, entre eles “Nihilismo” (21/02/1931), ensaio em que analisa obras de seus contemporâneos modernistas, como o *Manifesto Pau Brasil*, de Oswald de Andrade.

E a religião gane pelo fundo dos conventos,  
Como um cão pastor chicoteado,  
Rondando o cadáver de suas ovelhas...

Essa exposição das assimetrias sociais, que se tornará recorrente em sua poesia nesse período, serve-nos como marcas ou traços de politização de sua escrita e de seus poemas políticos mais enfáticos. Essa marca está presente em “Zabumba”, considerado por Francisco Aurelio Ribeiro o poema mais radical da autora (2005, p. 79), publicado por ocasião de um concurso literário na *Vida Capichaba*, de 30 de janeiro de 1934, para identificação pelos leitores dos autores de diversos poemas inscritos.

“Zabumba” traz a temática revolucionária, assim como boa parte da literatura dos anos 30, narrando a transformação de uma vida: da infância inocente que não conhece o dano e a desigualdade social à juventude que, percebendo-os, anseia por mudança e pela revolução popular; é a véspera do levante revolucionário, fracassado, que ocorre em novembro de 1935, em quartéis do Rio de Janeiro e do Nordeste. Com uma linguagem da vida cultural popular, do circo e do carnaval, a assimetria entre os que têm e os que não têm é o que retira da marcha da vida a inocência da infância, aqui também retratada pelas construções paralelas:

- os noivos ricos envenenaram o mundo...
- os noivos pobres estão desempregados...
- [...]
- menino rico sae da escola pra policia...
- menino pobre é escoteiro...

Esse procedimento de comparar classes, grupos ou sujeitos, em que o hífen ou travessão passa a ser o sinal da assimetria social a ser apontada, volta no poema “Música subconsciente”, publicado no livro *Festa na sombra*, em 1943 (NICOLUSSI, 2005, p. 62) nos versos:

Que gente tão estranha que andava pela terra!  
- patrões insolentes,  
escravos batidos,  
amigos traídos....

Que sede era a minha!  
Que angústia impossível!  
Que fome era aquela!

Publicado no final de 1943, esse poema estará ao lado de vários outros colhidos “nas sombras” dessa primeira metade do século XX, que Eric Robsbawm (1994) chama de “Era das catástrofes”, iniciada, em 1914, com a Primeira Guerra Mundial, e finda quando termina a Segunda Guerra Mundial, em 1945. O poema “Festa na sombra”, que dá título ao livro (NICOLUSSI, 2005, p. 16), oferece uma visão sem anteparo desse espaço-tempo em que a festa da criação é atópica, não tem lugar:

Festa na sombra de todas as horas, triste baile da esperança,  
desmoronando-se em sonhos-pesadelos [...]  
Festa de ausências, de todas as ausências,  
Festa no escuro subterrâneo do desencanto e da dúvida.

A ambiência “escura” do poema coroa o fim de toda inocência, antes perdida, agora “morta”: “Música, chora sozinha o escuro da minha inocência morta:/ O Mal tem tanto poder quanto o Bem e quebrou / os lampadários de Deus nas almas angustiadas”. O paralelismo, que antes denunciava as assimetrias entre quem tem e quem não tem, agora constata a lógica contraditória das sociedades perversas, felicitando-se diante dos saciados e racionando-se diante dos necessitados:

Peregrinos da sombra caminhamos  
numa alegria contraditória e constrangida:  
- esbanjamos energias em favor dos saciados.  
Racionamos a fé entre vidas vazias.

Apesar desse grande esforço pessoal para atravessar uma época conturbada, firmando-se como uma escritora atuante, Haydée não conseguiu reunir sua obra nos vários livros que projetou: “História sem idade”, “O dia vem amanhecendo”, entre outros títulos que cita nas publicações em jornais. Muitos de seus textos estão dispersos nos jornais da época, alguns sob pseudônimos, alguns ainda inéditos nos acervos da família. Esses poemas políticos aqui reunidos oferecem

uma amostra modesta das possibilidades abertas para a pesquisa sobre a obra dessa escritora fascinante: poderíamos selecionar como *corpus* os ensaios e as resenhas, pouco conhecidos, as crônicas intituladas “Diário de uma Era Inquieta” ou os excertos de romances publicados e inéditos. Haydée Nicolussi merece ter sua obra publicada e pesquisada pelo que pode iluminar sobre o nosso passado, nosso presente e nosso futuro.

## Referências

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Schwarcz, 2015.

NICOLUSSI, Haydée. *Festa na sombra*. 2. ed. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, 2005.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Ainda resta uma esperança. Haydée Nicolussi: vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-Santense de Letras, 2007.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Haydée Nicolussi: poeta, revolucionária e romântica*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2005.

SASTRE, Luciana Irene; LARDONE, Mariana Inés. La necesidad de una vanguardia: nombre, traición y archivo en las obras reunidas de Hilda Mundy. *Contexto*, Vitória, n. 33, p. 112-137, 2018.

## Lembrança<sup>3</sup>

Se você soubesse que suave  
Que está o veludo do céu!  
Azul, azul!  
Todo sapecado pela brasa  
branca do sol coruscante!  
É a primavera!

E as cigarras já estando cantando  
no meio das folhas  
num canto quente que é toda  
a minha infância!  
Delicioso...  
Naquele tempo,  
eu me sentava numa pedra  
à beira da estrada, na restinga morna  
esperando o bonde da  
escola passar.  
(Eu tinha preguiça de ir pra escola)...

- é que, apesar de suas:  
flores e de seus santos nomes,  
a escola cheirava a uma  
virtude triste,  
com suas órfãs de xadrezinho,  
como burrinhos de carga,  
sempre rezando.... rezando tanto,  
que mais valera ser índio  
nu e livre no meio da mata –  
- e eu tinha preguiça  
de ir pra escola...  
Mas,  
As cigarras pegavam a cantar,  
os caminhozinhos brancos  
de formigas se agitavam  
de vidinhas rápidas

<sup>3</sup> Poema citado tal como publicado por Ribeiro (2005, p. 74-76). Publicação original: *Vida Capixaba*, Vitória, ano X, 15 out. 1932.

e independentes,  
 e no capinzal verde havia  
 também um cricri  
     de grilos vermelhinhos,  
     delicioso...  
 Então eu criava coragem,  
 Ia colar o ouvido no posto que zunia,  
 dizendo que o bonde já vinha.  
 Eu guardava meu coração no meio do capinzal,  
 E levava minha inteligência  
 Contente pra escola!  
 Corre, bondinho. Depressa!  
 Desliza nos trilhos de prata!  
 Escorrega de manso,  
 Entre barrancos úmidos de musgos e samambaias!  
 ... e pontes de rios pequenininhos,  
 onde voluteiam martins pescadores pela restinga afora...  
 cantam as rolas  
 e há lírios vermelhos refrescando a terra!  
 eu ia contente para o dever.  
 Uma beleza relativa me empurrava...  
     Hoje...  
 Hoje eu sei que não há relatividade  
 Em nenhum plano da existência!  
 - o pobre desperta bloqueado  
 por todos os lados.  
 O rico tem remorsos de sua riqueza;  
 E a religião gane pelo fundo dos conventos,  
 Como um cão pastor chicoteado,  
 Rondando o cadáver de suas ovelhas...  
  
 Naquele tempo...  
 Toda infância vê compensações para o triste dever.  
 Hoje...  
 (ainda é triste crescer)

## Zabumba<sup>4</sup>

Zé Pereira! Ai! Zé Pereira!  
Que é feito de minha infância,  
Zé Pereira?  
Você carregou minha inocência no seu bombo,  
lá pro Congo,  
Ai! Zé Pereira!  
Que saudade de minha meninice...

Hoje tem espetáculo?  
Tem sim sinhô!  
Tem de noite e de dia?  
Tem sim sinhô!  
O palhaço e a mulhé?  
Tem sim sinhô!  
Sururu na freguesia?  
Tem sim sinhô!

Chorei... chorei porque meu amô  
disse que ía me abandoná...  
Tombei... tombei e mandei tombá  
o menino vadio de perna pro á!

Ai! Zé Pereira! Zé Pereira!

A vida ficou tão triste...  
As cousas estão tão longe...

Nunca mais a idade de ouro dos idílios...  
Nunca mais sonhos de amores socegados...  
– os noivos ricos envenenaram o mundo...  
– os noivos pobres estão desempregados...

Nunca mais contos de fadas da avozinha  
quando a infância em roda do braseiro!  
– menino rico sae da escola pra policia...  
– menino pobre é escoteiro...

Zé Pereira! Ai! Zé Pereira!  
Vem fazê um zabumba aqui pras crianças grandes  
que estão tão tristes, tão sozinhas!  
condenadas a morrer na guerra...

<sup>4</sup> Citado a partir da publicação original: *Vida Capixaba*, 20 jan. 1934.



Vem fazê um zabumba decisivo, de verdade,  
com todos os gritos da mocidade traída  
nos seus direitos,  
com todas as críticas às autoridades falsificadas,  
zabumba de dor e de lágrimas transfiguradas  
na noite acesa de tochas e de cânticos vermelhos!

Hoje tem revolução?

Tem camarada!

Contra a guerra imperialista?

Tem camarada!

Contra a fome e a opressão?

Tem camarada?

Contra a gana dos palhaços?

Tem camarada!

Contra o horror da escravidão?

Tem camarada!

Chorei... chorei porque meu amô  
disse que ia me abandoná...

Tombei... tombei e mandei tombá  
o burguês criminoso no fundo do má!

## Música subconsciente<sup>5</sup>

Sonhei com uma casa no alto dos montes,  
a casa que olhava os quatro horizontes!  
E havia uma árvore, os ramos eretos  
de folhas cantando, rosadas, no céu.  
E havia águas claras e serras tão altas  
que tudo era vida no sonho brilhando!

(Mas foi muito triste o sonho brilhante  
pois tudo sumia a um toque das mãos...)

Que gente tão estranha que andava pela terra!  
- patrões insolentes,  
escravos batidos,  
amigos traídos....  
Que sede era a minha!  
Que angústia impossível!  
Que fome era aquela!

(Por isso é que o sonho era triste e era longo...)

Vieram três homens  
e nenhum foi meu:  
- o que me beijou  
não era judeu!  
- a quem desposei  
não é meu marido!  
- e tu, Bem-Amado,  
como era o teu nome  
que eu já não me lembro?!

(E a gente se perde. E que ânsia de achar-se!  
Por isso é que os sonhos são tristes, são belos!)

Eu quero aquela água que vi nos meus sonhos,  
e as serras de areia que em transe escalei:  
- uns lagos azuis mais fundos que o oceano,  
e serras de areia tão altas, tão altas,  
que o céu veio vindo até onde nem sei!

(Os sonhos são belos, os sonhos são tristes...)

<sup>5</sup> Citado tal como publicado em *Festa na sombra* (NICOLUSSI, 2005, p. 62).

E a gente se perde... Mas se acha outra vez)

Por isso é que eu amo viver nos meus sonhos,  
na casa sombria, de alpendres vazios,  
nas tardes tristonhas, espiando o sol pôr.  
Será minha um dia a casa dos sonhos,  
sozinha e sagrada no alto dos montes,  
a Casa que espia os quatro horizontes!

## Festa na sombra<sup>6</sup>

Por que as mãos se apertam assim geladas?  
E essas auroras sem sol? E essas noites sem lua?  
Música, chora sozinha o escuro da minha inocência morta:  
O Mal tem tanto poder quanto o Bem e quebrou  
os lampadários de Deus nas almas angustiadas.

Peregrinos da sombra caminhamos  
numa alegria contraditória e constrangida:  
- esbanjamos energias em favor dos saciados.  
Racionamos a fé entre vidas vazias.

Ah! Nunca seremos puros bastante para a fusão total.  
Niké, perderás a cabeça, como sempre, ao fim de todas as batalhas...  
Teu sorriso, Augias-Cresus, está oco de angústia.  
Tua afirmação já não contenta ninguém: é insegura.

Senhor, que faremos de nossa ilusão estraçalhada?  
Nós já sabemos tudo. Deciframos a esfinge de todos os tempos.  
Não é a fé que encoraja: é o acerto na luta.  
São os temperamentos ajustados.  
É a liberdade de possuir ao menos o suficiente para  
recusar o supérfluo, em honra aos mais dotados!

Festa na sombra de todas as horas, triste baile da esperança,  
desmoronando-se em sonhos-pesadelos.  
Amor? Glória? Infância? Onde a posse de nós mesmos?  
Festa de ausências, de todas as ausências,  
festa no escuro subterrâneo do desencanto e da dúvida.  
De nada vale a luz da carne moça, que amanhece cansada,  
Com tanto BLACK-OUT nas almas, conscientes de sua orfandade.

Recebida em: 31 de julho de 2019.  
Aprovada em: 15 de outubro de 2019.

<sup>6</sup> Citado tal como publicado em *Festa na sombra* (NICOLUSSI, 2005, p. 16).